

O IMPACTO DOS EDITAIS DE FINANCIAMENTO PÚBLICO NA CENA CINEMATOGRAFICA DE CAMPO GRANDE - MS¹

Pedro Miyoshi²

Julio Bezerra³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

RESUMO

A pesquisa é fruto da Iniciação Científica e tem como objetivo entender como se dá o impacto dos editais de financiamento público na cena cinematográfica contemporânea de Campo Grande/MS. A fim de identificar possíveis fragilidades e potenciais da cena. Por meio da coleta de dados, leitura da bibliografia base, mapeamento dos filmes e entrevista com realizadores da área.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema regional; Cena cinematográfica; Campo Grande; Edital; Realizadores.

CORPO DO TEXTO

Campo Grande produz cinema há décadas, mas só nos últimos anos está se consolidando de fato um grupo de realizadores e uma vizibilidade para o ramo. É um mercado pequeno e incerto se comparado com o de outros estados brasileiros, principalmente com o Eixo Rio São Paulo. Contudo, percebe-se nos últimos anos, por uma série variada de fatores, um processo cada vez mais sólido de constituição de uma produção local. O principal desses fatores é a implementação de editais de financiamento público. Como os recentes editais federais emergenciais Lei Paulo Gustavo e o Plano Nacional Aldir Blanc e editais municipais e estaduais constantes de Campo Grande e Mato Grosso do Sul, como o Fundo Municipal de Investimento Cultural e o Fundo de Investimento Cultural. Esses editais são fundamentais para o desenvolvimento de projetos de cinema, desde a produção, exibição e educação. Projetos esses que possuem retornos diretos à sociedade como formação de público, senso crítico e identidade.

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT02CO - Cinema e Audiovisual), evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025.

²Professor do Curso de Audiovisual da FAALC - UFMS: juliocarlosbezerra@hotmail.com

³Estudante de Graduação 9º semestre do Curso de Audiovisual da FAALC - UFMS, email: pedromiyoshi2@gmail.com

Outro fator importante para consolidação da área da cultura são as organizações para a mobilização enquanto sociedade civil para garantir a permanência e desenvolvimento da classe artística da cidade e do estado. Como por exemplo: Colegiados de Audiovisual de Campo Grande e de Mato Grosso do Sul, Associação de Cinema e Audiovisual de MS, Fórum de Cultura de Campo Grande e Fórum Estadual de Cultura de MS. Esses coletivos representam a cooperação e a luta constante entre a sociedade pública e civil para a construção de um setor cultural sólido e ativo. Como por exemplo, reivindicar a constância e coerência dos editais de financiamento público. Essas conquistas também vêm de forma muito lenta e com muita luta e reivindicação. Elas exigem articulação dos coletivos para entender o problema, discutir soluções, apresentar para os órgãos públicos, esperar resposta ou mudanças e quem sabe ainda ter que cobrir constantemente. Todos os editais e leis regulamentadoras no setor cultural foram adquiridas com muita luta, e elas permanecem também com luta, pois se depender do governamental haveria um sucateamento impiedoso.

A partir dessas conquistas do setor cultural, vem se percebendo um aumento nas produções de obras cinematográficas nos últimos anos, principalmente depois da pandemia e do governo Temer e Bolsonaro, que representaram um gargalo para a cena, devido aos cortes na área da cultura e dificuldades econômicas do país. Pode-se então identificar uma possível “Nova Retomada” do cinema, em associação ao termo *Cinema da Retomada* de Lúcia Nagib sobre a estagnação das atividades cinematográficas do Brasil na década de 90 devido ao fim da Embrafilmes. Além disso, num panorama nacional, as condições de produção de Campo Grande são semelhantes com a de outras regiões do país, o que evidencia que o cinema regional faz parte de algo maior, que se repete em outros lugares e dialoga com um processo de descentralização da produção cinematográfica do país.

Apesar dessa possível retomada, e visões otimistas sobre a cena cinematográfica de Campo Grande, ainda é possível ver barreiras que podem limitar o desenvolvimento dessa cena. Essas barreiras no campo da cultura, arte e ciências humanas nunca são físicas e fáceis de ver ou derrubar, pois se remetem a uma construção muito mais complexa e enraizada nas estruturas sociais. Como o imperialismo, a desvalorização da cultura, desconhecimento do cinema regional, tudo isso deságua na falta de vontade

política civil e pública. Os órgãos e servidores públicos não são qualificados para lidar com certos aspectos do setor cultural, artístico e principalmente do cinema. Evidente nos editais incoerentes, na falta de infraestrutura dos espaços culturais públicos, nas tentativas falhas da sociedade civil de reivindicações para o setor, etc. Nesta cidade neoliberal do agronegócio, o setor público olha para a cultura como o turismo, algo que tem que ser comerciável e gerar retorno econômico. O retorno social, político e estético do cinema não são considerados retornos rentáveis. Dessa forma, o buraco é sempre mais embaixo, a luta não é só pra podermos fazer filmes e arte, mas por melhores condições de trabalho, por uma sociedade com mais cultura, consequentemente, mais possibilidades, ideias, identidade e histórias. O que está em jogo não é apenas um setor comercial, é uma linguagem artística única com potencial político e social grandioso.

Essas dificuldades com o setor público interferem diretamente na cena cinematográfica pois existe uma dependência. O cinema de Campo Grande ainda depende de editais de financiamento público. A própria história do cinema nacional é marcada por ciclos devido sua dependência de iniciativas governamentais para acontecer, já que qualquer instabilidade na política ou economia do país interfere no setor cultural. E esse setor é sempre colocado de escanteio pela mentalidade neoliberal do governo, então em uma crise ele é o primeiro a ser cortado. Por isso, nenhum realizador de cinema consegue viver exclusivamente de cinema em Campo Grande, tendo que seguir para as demais áreas do audiovisual, com publicidade, jornalismo e marketing. Dessa forma, os próprios realizadores não são capazes de se especializar e focar somente nos projetos cinematográficos, afetando diretamente a qualidade do projeto e da vida do profissional.

Além disso, a concepção desses editais de financiamento também afetam diretamente a cena cinematográfica. E como o setor público é desqualificado sempre existem incoerências nos editais, como pouco tempo para inscrição, exigências que não cabem ao projeto, incoerências nos pareceres e análise de recursos, não seguimento do cronograma, cartas marcadas, etc. Todas essas falhas afetam os realizadores, que tiram de seu tempo para escrever projetos e então serem desrespeitosamente tratados por essas incompetências do setor público, que tem a função primordial servir à sociedade. Só através de muita luta e reivindicação da classe cultura os editais se adequaram a atender

melhor, não plenamente, às exigências do setor. A cada edital e mandado existem novas falhas e incoerências, o que desestimula a classe e exige que ela esteja na luta e desgaste constantemente.

Essa forma de financiamento de certa forma influencia na estética das obras da cidade, já que a maioria dos filmes vêm desses fomento. Surgem majoritariamente obras com retorno social muito mais presente do que uma proposta estética do filme. Isso porque os editais valorizam e pontuam temáticas sociais, histórias regionais e realizadores pertencentes a minorias sociais. Além dos realizadores que possuem formações e experiências variadas. Como o curso de Audiovisual da cidade é recente, a grande maioria da formação desses realizadores já consolidados vem de outros setores como rádio, televisão, publicidade, jornalismo, teatro ou são autodidatas. É evidente como essas formações alternativas e todo esse contexto do funcionamento influencia na obra final dessas produções. Muitas obras com temática pertinente, mas muitas vezes com abordagens estética e técnica fracas e genéricas, o que inevitavelmente afeta na qualidade do produto e distribuição e recepção do público. Muitas vezes se restringindo a uma exibição limitada a cidade e que dura pouco. Uma problemática no campo da exibição e preservação que os editais poderiam prever medidas preventivas a esses problemas.

Portanto, os editais são fundamentais para a formação e consolidação de uma cena cinematográfica na cidade de Campo Grande. No entanto, esses editais devem ser coerentes, eficientes e constantes para de fato solidificar e formar realizadores e projetos fortes e de qualidade. A ideia é sempre que o cinema não dependa de ciclos e que anda com as próprias pernas. Mas para isso, além desses fomentos públicos regionais, é importante fechar o ciclo de produção do cinema da produção, exibição, distribuição e preservação. Mesmo que o cinema se torne uma indústria, o incentivo do governo é indispensável. Um exemplo é o próprio tão aclamado Estados Unidos, onde as produtoras possuem benefícios ou auxílios fiscais, pois o governo reconhece o potencial social, político e econômico do cinema para o país.

REFERÊNCIAS

PINHEIRO, Marinete. FISCHER, Neide. Sala dos sonhos: histórias dos cinemas de Mato Grosso do Sul. Ed. UFMS. Campo Grande, MS, 2008.

PINHEIRO, Marinete. Sala dos sonhos: memórias dos cinemas de Campo Grande, MS. Ed. UFMS. Campo Grande, MS, 2010.

NEVES, Jorge. Memórias Vivas: A Trajetória do Museu da Imagem e Som de Campo Grande como Guardião da Identidade Audiovisual de Mato Grosso do Sul. UFMS. Campo Grande, MS, 2024

VIEIRA, Ana; JONHATI, Wendy. Cinema de herói: a história dos que construíram o cinema em Mato Grosso do Sul. 1a ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2013.

DUNCAN, Idara; MENEGAZZO, Maria; ROSA, Glória. Memória da arte em Mato Grosso do Sul: histórias de vida. 1a ed. Campo Grande: Editora UFMS, 1992.

GUIZZO, José Octávio. Alma do Brasil. 1a ed. Campo Grande: Editora UFMS, 1984.

Filmando em Mato Grosso do Sul : o cinema popular e a formação da identidade regional /organizado por Cláudio Benito Oliveira Ferraz, Alexandre Aldo Neves. – Dourados : Ed. UFGD, 2012.

SÁ, Flaviana Miranda da Silva de; CASTILHO, Maria Augusta de. (Re) territorialização do espaço cinematográfico de Campo Grande, MS: história e cultura na perspectiva do desenvolvimento local. Campo Grande, MS: Mundial Gráfica, 2014.

BORGES, Luiz Carlos de Oliveira. Coleção Memória e mito no cinema em Mato Grosso. Ed. Entrelinhas. Cuiabá - MT, 2008.